

FHC encara desafio de ajustar agenda com Bush



FHC propõe fortalecer a ONU: "Vamos levar adiante uma política de coligação, e não de imposição"

Encontro ocorre ainda sob impacto do discurso do presidente em Paris contra protecionismo dos EUA

DENISE CHRISPIM MARIN
Enviada especial

WASHINGTON – O presidente Fernando Henrique Cardoso deverá apresentar amanhã ao seu colega americano, George W. Bush, seus temores em relação a uma possível guinada protecionista das nações mais industrializadas, caso venha a fracassar a tentativa de lançamento de uma rodada multilateral da Organização Mundial do Comércio (OMC). O assunto estará em discussão no fim desta semana em Doha, capital do Catar. Além da elevação das barreiras ao comércio, o presidente pretende tratar com Bush de sua preocupação com o agravamento do cenário econômico mundial, que se mostra suscetível à recessão nos Estados Unidos e aos impactos dos atentados terroristas de setembro nos fluxos de investimentos nos países emergentes.

Fernando Henrique desembarca em Washington hoje às 22 horas (1 hora em Brasília) informado sobre as repercussões negativas de seu discurso na Assembléa Nacional Francesa, na semana passada. Na ocasião, ele criticou atitudes hegemônicas e protecionistas adotadas pelos EUA. "A barbárie não é somente a covardia do terrorismo, mas também a intolerância ou a imposição de políticas unilaterais em escala planetária", disse a uma platéia de ministros, parlamentares e intelectuais franceses.

Nem mesmo os assessores mais próximos do presidente sabem exatamente como ele vai lidar com essa questão delicada na sua conversa reservada com Bush amanhã às 10h50 (13h50, hora de Brasília). Após uma entrevista à imprensa, ambos almoçam na ala residencial da sede do governo americano. Em princípio, Fernando Henrique deverá se distanciar de temas mais espinhosos, como a possibilidade de o governo americano impor mais travas para a importação de produtos siderúrgicos do Brasil.

Recessão – Segundo uma fonte do Palácio do Planalto, os tópicos da agenda econômica do Brasil terão prioridade no diálogo dos dois presidentes. A conversa tenderá a ser complementada com a avaliação dos desdobramentos da crise argentina. A mesma fonte diz que Fernando Henrique deve reiterar a tendência de a recessão dos Estados Unidos acentuar a vulnerabilidade de outras economias, principalmente as de países em desenvolvimento.

De um lado, esse cenário provoca redução do comércio mundial. De outro, reduz os fluxos de investimentos diretos – situação agravada pela insegurança provocada pelos atentados terroristas. Ao longo da conversa, Fernando Henrique tentará não reduzir esses temores à esfera do Brasil, mas apresentá-los como preocupações da maioria das nações emergentes, consumidoras de boa parte das manufaturas americanas.

No sábado, o presidente discursará na sessão de abertura da Assembléa-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York. Ele deverá enfatizar que, em um momento de recessão mundial e de combate às práticas terroristas, os países devem se mostrar mais propensos à cooperação internacional e à redução das assimetrias econômicas entre eles. O maior movimento e liberalização comercial, sob seu ponto de vista, seriam os meios adequados para os países alcançarem esses objetivos.

Nessa linha, Fernando Henrique deve reiterar o compromisso do Brasil de combater células terroristas e suas atividades paralelas e acentuar a preocupação com a conversão do conflito entre os EUA e o Afeganistão em uma "guerra santa" entre o Ocidente e o Oriente Médio. Assim como fez na Europa, deverá defender a criação do Estado palestino.

■ Mais informações no caderno de Economia